

PANORAMA CULTURAL DO RIO GRANDE DO NORTE: REPRESENTAÇÕES EM PERIÓDICOS DO DECÊNIO DE 1930

Maria Aparecida de Almeida Rêgo (UFRN)

RESUMO

Nos anos 1930, o Rio Grande do Norte já era destaque em sua produção cultural, uma vez que algumas das obras literárias ultrapassavam as barreiras territoriais, passando a ter notoriedade nacional. A maior parte dessa produção está noticiada em jornais e revistas da época postos sob a guarda dos arquivos públicos. O estudo *Panorama cultural do Rio Grande do Norte: representações em periódicos do decênio de 1930* apresenta uma pesquisa realizada a partir da coleta e sistematização de dados, especificamente das edições dos periódicos *A República*, *Feitiço*, *O Pharol e Xute* integrantes do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Museu da Imprensa/RN. Esses jornais de circulação no estado divulgavam a produção de diversos escritores tanto em prosa quanto em verso. O artigo tem como objetivo divulgar autores e temáticas que se destacaram no campo da prosa como multiplicadores da cultura e da literatura norte-rio-grandense.

Palavras chave: Periódicos, Literatura Norte-Rio-Grandense, Anos 1930.

ABSTRACT

In the 1930's, the state of Rio Grande do Norte (Brazil) was already considerate as a broadcast on its cultural production, once some literary works exceeded the territorial hurdling, having, by this way, a national notoriety. The most part of this production is noticed in newspapers and magazines from the age beneath the guard of the public files. This study, named as *Rio Grande do Norte cultural panorama:1930's journals representations* shows a research fulfilled from collection and systematization of data's, more specifically the published registers in the journals *A República*, *Feitiço*, *O Pharol* and *Xute* found as part of the acquis from the Rio Grande do Norte Geographic and Historic Institute files' and at the Eloy de Souza's Official Museum of Press. These newspapers, which had been circulated in all the state, publicized the production of several writers as in prose as in verse. This study has as objective publicizes authors and thematic that were stand out in the in the prose's field with multipliers of the Norte-rio-grandense's culture and literature.

Key words: Journals, Norte-Rio-Grandense literature, 1930's.

1. Introdução:

A produção literária e cultural do Rio Grande do Norte, desde meados do século XIX (período em que a imprensa instalou-se no estado), esteve presente nas páginas dos jornais e folhetins. O presente estudo refere-se à pesquisa¹ realizada sobre a produção literária publicada nos jornais durante a década de 1930, com o objetivo de dar continuidade a estudos existentes sobre a década de 1920.

A necessidade de preservação e o estudo do material existente desse período publicado em jornais é o ponto de partida para o desenvolvimento de projetos de pesquisas no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Projetos anteriores (ARAÚJO, 1995; COSTA, 2000; MONTEIRO, 2003) já contemplam análises das representações literárias acontecidas no Rio Grande do Norte no contexto da moderna literatura brasileira ao longo dos anos de 1920. Tais estudos confirmam a figura de Luis da Câmara Cascudo como um incentivador cultural e a co-existência de dois grandes movimentos culturais no Rio Grande do Norte: o modernismo e o regionalismo, os quais colocam em pauta a linguagem local, a temática rural e o homem do sertão como personagem das novas formas de poetizar. Estudos como esses servem para resgatar experiências passadas e entender algumas motivações imprescindíveis à formação do pensamento histórico, às relações de permanência e mudança, semelhança e diferença em relação ao presente, além de cultivar a memória acesa para esclarecer acontecimentos futuros.

Torna-se difícil realizar com exatidão o levantamento de todos os dados da produção literária norte-rio-grandense publicada em jornais locais nos anos de 1930, uma vez que nessa época já eram diversos os periódicos organizados por agremiações, associações literárias, grupos de amigo(a)s, alguns de pouca duração, mas de tamanha importância, que apresentavam colaborações literárias. Segundo Manoel Rodrigues de Melo (1987), existiam aproximadamente 35 jornais e periódicos que circularam ao longo dessa década em Natal, dos quais tivemos acesso a *Xute*, *O Pharol*, *Feitiço* e *A República*, nas quais encontramos espaço para a publicação de textos literários tanto em verso quanto em prosa, bem como crítica literária das publicações de livros lançados, além das retomadas a livros já existentes.

Diante da surpresa pela quantidade de publicações, confirma-se a validade dos versos de domínio público, divulgado anonimamente desde início do século XX sobre a cidade: “Em

¹ Pesquisa de Iniciação Científica – *Poesia em jornal: levantamento de dados sobre os anos 30 em Natal* – vinculada ao Projeto *Memória Literária do Rio Grande do Norte* (2004-2006) sob a orientação do Prof Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo – PROPESQ/UFRN.

cada rua um poeta/em cada esquina um jornal”. Sem dúvida, nesses periódicos estão guardados importantes momentos da vida cultural do Rio Grande do Norte, acrescido ainda, da imensa quantidade de poetas e escritores que colaboravam, muitas vezes sob a forma de pseudônimos. Possivelmente, algumas escritoras utilizavam os pseudônimos como verdadeiras máscaras para se preservarem, já que publicar em jornais ainda era um espaço ocupado majoritariamente por homens. Esse fator dificultou a inclusão de muitas poetisas no panorama da literatura norte-rio-grandense.

Na década de 1930, já era grande o número de jovens intelectuais natalenses que atuavam na imprensa nos mais variados jornais. Os jornais, além de cumprir com sua função social, serviram de “vitrine” para muitos desses escritores que por suas páginas gravaram seus nomes e firmaram-se nas letras potiguares. No jornal *A República*, por exemplo, muitos de seus diretores eram escritores e alguns exerceram também funções políticas no Estado ou na Capital, entre esses, destacam-se Eloy de Souza, Henrique Castriciano, Luís da Câmara Cascudo e Edgar Barbosa.

2. Relato sobre os periódicos:

A necessidade de fazermos um breve estudo sobre as fontes pesquisadas surgiu como uma forma de compreender o cenário das publicações e ao mesmo tempo observar as recorrências de escritores em mais de uma fonte. Para tal, segue um sucinto relato:

2.1 *Xute*:

Este jornal apresentava-se ao público como “órgão diário, domingueiro e matutino, circulava aos sábados”. Dizia-se humorístico e desportivo, apresentando-se como sério pelo método confuso. Circulava sob a propriedade e direção de Potiguar e Cia. Parecia uma firma comercial, mas na realidade não era. Potiguar era Luís Potiguar Fernandes, popularmente conhecido por Poti, autêntico destilador de verve, sem ferir ou magoar a sensibilidade de quem quer que fosse. Companhia era Virgílio Trindade, outro expoente da nossa crônica humorística, detentor de um estilo saudável e elegante. O jornal custava 10\$000 por semestre e \$200 por número avulso. Publicou ao todo 36 números, sendo o primeiro a 23 de abril de 1932 e o último a 1º de janeiro de 1933. Eram seus colaboradores: Potiguar Fernandes, Virgílio Trindade, Aderbal de França, Renato Caldas, Luís da Câmara Cascudo, além de outros que se ocupavam sob pseudônimos. Impresso na Imprensa Diocesana, *Xute* viveu quase um ano, distribuindo bom humor aos seus numerosos leitores. Malabarista da frase, Potiguar Fernandes era autêntico provocador de riso. Tudo nele era graça, riso, verve, presença de espírito. Um Carlitos da imprensa provinciana. O seu jornal é

uma excelente coletânea de bom norte-rio-grandense. Admira que os colecionadores dessas manifestações espirituais do nosso povo não tenham aproveitado a contribuição de Potiguar Fernandes, tão rica de vivacidade e finura de espírito.

(MELO, 1987 p. 234)

Em *Xute* há um destaque para conteúdos da área esportiva, o que remete ao título do periódico, como também forte presença de humor, além de relatar as atividades culturais da cidade. Uma curiosidade pertinente identificada nesse periódico é o fato de Natal, há mais de 80 anos, já ser vista como uma cidade turística. O trecho do artigo “Natal, cidade do turismo”, publicado em 21 de maio de 1932, p. 01, apresenta o Grande Cruzeiro do “Touring Club”. Outra seção interessante é a das crônicas *Xute... dellas*, assinadas por Danilo, pseudônimo de Aderbal de França, que também assina uma seção de crônicas no jornal *A República*. *Xute* apresenta com frequência o Mote e a Glosa de vários autores assinados sob pseudônimos.



Xute, 30 jul. 1932 p. 01

Não conseguimos localizar todas as edições desse jornal, em virtude da falta de conservação do material. Dentre os colaboradores, destacam-se Renato Caldas, Zé do Norte (pseudônimo de Nascimento Fernandes), Xutador e Magnésio. Sobre Renato Caldas, todos os poemas localizados já estão organizados no seu livro *Fulô do Mato* (1945), e os dois últimos são pseudônimos não identificados.

2.2 O *Pharol*:

O Pharol, órgão literário, humorístico e noticioso. Diretor, F. Avelino; colaboradores: diversos: gerente, S. Silva. Tinha redação e oficinas a R. General Glicério, nº 173. Número avulso \$200, atrasado \$400. Assinatura anual 15\$000, semestral 10\$000. Publicou 21 números, sendo o primeiro em 13 de dezembro de 1936 e o número 21 a 18 de setembro de 1937. Além de S. Silva, ocuparam a gerência Pedro Gurgel e J. Linhares. E. Nascimento foi redator chefe apenas três dias. Entre os colaboradores ostensivos figuravam F. Avelino, Pedro Moreno, Othoniel Menezes, Esmeraldo Siqueira, Luis Gonzaga de Sousa, Oliveira Júnior, Henrique Castriciano, Telésforo Alves, Urbano Fagundes, João Fagundes, João Lobato, João Figueiredo, Lourdes Gama, Josino Macedo, João Linhares, José Chaves, E. Nascimento, além de muitos pseudônimos. Circulava normalmente aos sábados e era bem aceito nos meios literários. Parece que foi além do número 21. Transcreveu alguns sonetos do *Horto*, de Auta de Sousa.

(MELO, 1987 p. 145)

Apesar da citação acima indicar a data inicial do periódico, foram localizados, nos arquivos pesquisados, edições datadas em 20 e 27 de janeiro de 1929 e 02 de novembro de 1930, nas quais encontramos registros de que *O Pharol* foi fundado em 06 de janeiro de 1929 sob a direção de Carlinho Revoredo, como *Periódico Literário, Crítico, Político e Noticioso* – “órgão refletor das aspirações libertárias do povo”:

[...]

Pharol! Pharol!

Aqui está, mas mãos dos inteligentes [...]

Requeria-se, fazia-se urgente, preciso, indispensável, que se fundasse um periódico livre onde a par das ligeiras notícias, críticas apimentadas humoristicamente, se revelassem novos talentos em assumptos outros que não os da crítica estylisada, aperfeiçoada, liberal, graciosa, attrahente (e porque não dizer?) desejável.

[...]

(*O Pharol*, 20 jan. 1929 p. 02)

O PHAROL
Orgão Literário, Humorístico e Noticioso
F. AVELINO — Director — Redactores — DIVERSOS — P. GURGEL — Gerente

ANNO 1 | Rio G. do Norte — NATAL, 6 de Fevereiro de 1937 | N. 9

Caicó, capital do Sertão

Com o seu programma de cordialidade, de aproximação fraternal, de captação de todos os elementos e energias capazes de servir ao bem da collectividade, vai O PHAROL propiciamente desenvolvendo o círculo de sua acção, achando-se sua directoria decidida aos mais pertinazes e entusiasmados esforços no sentido de corresponder ao devido acolhimento que lhe tem sido dispensado a opinião publica do interior.

Melhor premio ao nosso trabalho, mais bella retribuição ao nosso imperiturbavel idealismo não nos seria dado ambicionar. Nosso mais occurrado e constante intuito, aliás, desde o primeiro momento de contacto com o mundo ledo, foi o de nos constituirmos porta-voz das aspirações e interesses legitimos de nossa gente, reflector fiel dos seus desejos de progresso, arauto destemido de seus direitos, vehiculo espontaneo e essencialmente democratico dos seus mais elevados anhelos. Ninguem, de boa-fé, poderia negar-nos essa attitude.

Longe de sermos um jornal cabulosamente sizudo; apesar de nossa qualidade de batalhador jovial, mais preocupado com a recreação de espirito dos seus sympathizantes, levantando por estandarte o mais sadio humanismo — nossa posição de observador, de commentador, de registador bem disposto e alegre colloca-nos, realmente, bem á vontade para interpretar esse acolhimento como a demonstração cabal e sensivel de que o povo de nossa terra nos comprehende e quer vir em auxilio de nossa tarefa.

Assim é que, do vasto e legendario Sertão — de sua metropole austera e opulenta, que é a hospitaleira Caicó, chega-nos também o calor do applauso, a alegria do estimulo, através de varios pedidos de assignatura.

Os lampjeos do nos o modes-

MADemoiselle "VLAN"

Toda de preto, a rir, sobre a alva escama de um grypho enorme, que recurva o dorso, enquanto a multidão, bebida, a aclama, rompe a chasma chromatica do corso.

Os cabelos ao vento, o olhar em chamma, — sincera por tres dias, sem esforço — grita, esparge o confeti, rasga a trama da serpentina que lhe envolve o torso.

Desce, ostentando a relumbrante escarcha da tunica aurnegra. E dança, e marcha no cosmorama da avenida em festa...

Doida de aroma, de ether e de vinho, oh borboleta! a-cza doirada e lésta vae manchar, nessa lama em torvelinho!

OTHONIEL,

CULINARIA

Na Noruega, não se permite contrahir matrimonio a'u'a moça que não apresente atestado de que sabe cozinhar.
(Des joruaee)

Lá na culta Noruega, tanto escrupulo se emprega na questão do suave "nô", que a donzella, pobre ou rica, si bem não mexe á gangica, vae morar no "carilo".

No Brasil, é diferente: a morena, flor ardente destes climas tropicaes, casa até com carrapato, pois sabe mexer de facto! —já mexe mesmo de mais!

Mestre Cuca

Uma elegante deidade Que mora na Comboim, Pediu ao seu preuillecto P'ra posselar no Bomfim.

EU

Advinhações

Qual a differença existente entre o enterro e o casamento? ... Não sabe? Facilimo de decifrar.

É que o enterro conduz um morto involuntario e o casamento, um morto expontaneo.

WANDICK

P'ra Você

Se d'alma, os olhos dissessem Aquillo que a alma sente, Talvez desaparecessem As maguas de muita gente.

TYL

"A Cidade Perdida"

to semanario, brevemente, revelarão ao ambiente algo do esplendor do espirito e da cultura sertãoense. Suas columnas aqui estão, abertas ás manifestações da alma sertaneja, "rocha viva da nacionalidade", na phrase lapidar e definitiva de Euclides da Cunha.

O sertãoense intelligente e lutador, modelo formidavel da capacidade e da resistencia da raça brasileira, deve vir colaborar connosco, pelo progresso crescente da terra commum.

Contamos já com o sector Mossoró. Agora, vem um gesto generoso da patria do ouro branco.

Mossoró e Caicó são as duas columnas mestras da vida pollygar. São as duas conchas de ouro em cujo seio se afere e anura a força vital do Rio G. do Norte.

O PHAROL, ao contacto desses dois soes equipolentes, irradiará saudaveis mensagens para o futuro!

O Pharol, 06 fev. 1937 p. 01

O periódico apresenta seções com bastante humor, até porque esse é um dos seus propósitos. Há também uma presença marcante de espaço dedicado ao Mote, à Glosa e à Quadra, de diversas autorias. É notável que em sua maioria são pseudônimos, dentre eles "Eu", "Til" e "Seu Ne". Outra seção permanente é *O Pharol Social* que se destina a apresentar informações sobre hóspedes e viajantes, bem como registrar os aniversariantes.

A partir das edições localizadas, há destaque para os colaboradores: Othoniel Menezes, F. Avelino, Telesphoro Alves, Esmeraldo Siqueira e Luiza Silva (esta não foi citada por Manuel Rodrigues de Melo, apesar de ser constante sua publicação no periódico).

2.3 O Feitiço:

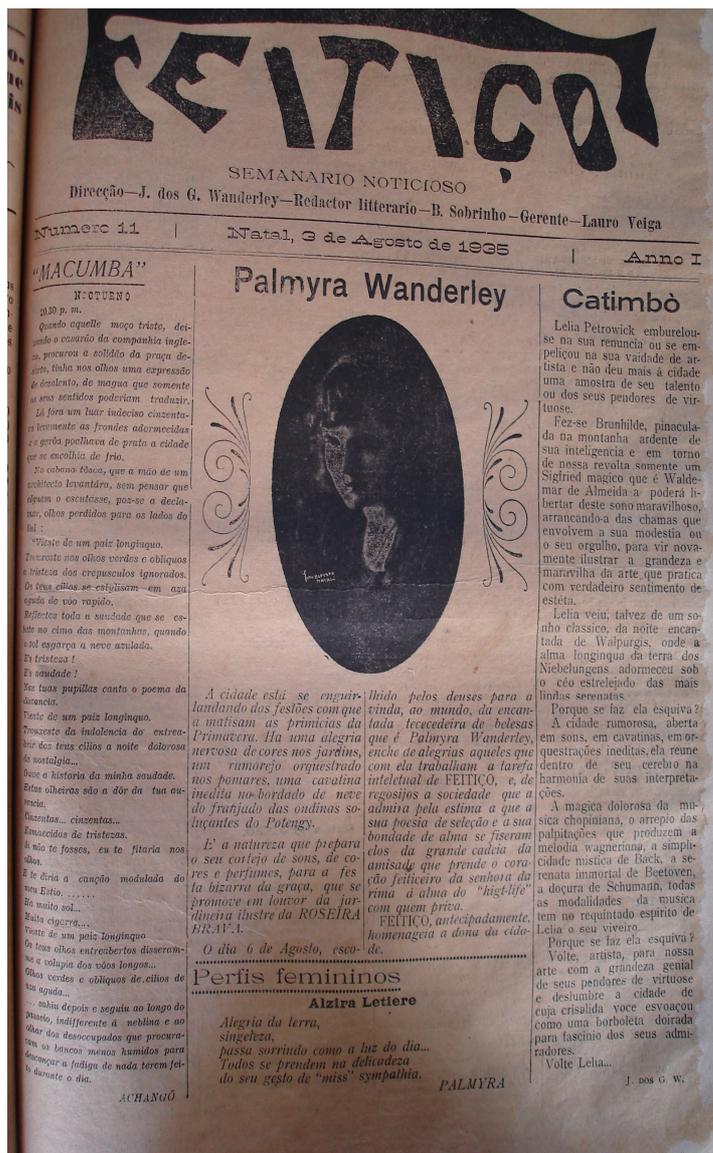
Semanário noticioso. Direção: J. dos G. Wanderley; redator-literário: B. Sobrinho; gerente: Lauro Veiga. O primeiro deste jornal circulou no dia 25 de maio de 1935. Barreto Sobrinho e Lauro Veiga fizeram parte da redação do primeiro número e do número 11 de 3 de agosto de 1935. Jaime dos G. Wanderley prosseguiu sozinho na direção até 20 de novembro de 1935, número 16, e último da primeira fase. Essa interrupção se deve possivelmente à irrupção da revolução comunista de 23 de novembro do mesmo ano. *Feitiço* só voltou a circular, em segunda fase, no dia 02 de maio de 1936, sob a direção de Genar Wanderley e Túlio Seabra, indo até o décimo número de 1º de agosto de 1936. Circularam, portanto, 26 números, sendo 16 da primeira fase e o 10 da segunda. O jornal era impresso nas oficinas de *A República*, embora não haja uma só referência a esse fato. O corpo de colaboradores era numeroso, infelizmente muitos deles sob pseudônimo, o que dificulta a fixação de cada um no panorama da literatura norte-rio-grandense. Apresentação gráfica muito boa, *Feitiço* contava com excelente corpo de colaboradores entre os quais destacamos os seguintes: [...] João Maria Furtado, Antero Borges, [...] Aristófanés da Trindade, [...] Damasceno Bezerra, Jaime dos G Wanderley, [...] Potiguar Fernandes, Palmira Wanderley, Renato Caldas, [...] Othoniel Menezes, Z. Ballos (Virgílio Trindade), Bezerra Júnior, [...] Lauro Viegas, Maria Lucia, Lima Serrano, [...] Jorge Fernandes (prosa e verso), Edgar Barbosa, [...] Oliveira Júnior, Henrique Castriciano, [...] Raimundo Nonato Fernandes, [...] Sebastião Fernandes, Coelho Neto, além de outros.

(MELO, 1978 p. 146-147)

Feitiço tinha o objetivo de fazer renascer a literatura para os potiguares, além de ser visto como jornal moderno, espaço que reunia muitos intelectuais comprometidos com a cultura norte-rio-grandense e com a divulgação da produção literária local. A nota de abertura da primeira edição anuncia seus propósitos:

Povo Potiguar: feitiço será a ressurreição das artes, da poesia e da literatura com que os avoengos enguirlandaram de belezas o nosso passado, e a alvorada radiosa da intelectualidade contemporânea, cujo fulgor espalha, hoje, sobre os policorados canteiros dos jardins de Maio, as falenas doiradas de seu espírito seletivo.

(*Feitiço*, 25 maio 1935 p. 01)



Feitiço, 03 de Agosto de 1935 p. 01

O jornal *A República* divulgava na seção *Revistas e Jornais* os números circulados de *Feitiço*:

Circulou no sábado próximo passado mais um número de *Feitiço*. Novo confrade tem tido suas edições esgotadas, havendo a sua tiragem subido a mil exemplos. O seu último número estampou interessantes chônicas, poemas, contos e notas da sociedade, colaboração de apreciador intelectuais natalenses.

No próximo número, que apparecera sabbado, o interessante órgão dara inicio a serie de perfis femininos, seção que esta a cargo da poetisa Palmira Wanderley.

(*Revistas e Jornais, A República*, 11 de junho de 1935 p. 08)

Durante dois meses de 1935, o jornal ficou sem circulação. Não identificamos explicações concretas para o fato, mas seu retorno foi recebido com muito entusiasmo, com

mensagens de vários estados e países em que parabenizam o ressurgimento do periódico, bem como reafirmam a sua importância:

[...]

A propósito do nosso reaparecimento recebemos as seguintes mensagens:

[...]

Maceió – FEITIÇO aqui é uma vitória seu envio insuficiente. (a) Rocha Lima

[...]

Tóquio- Gostaria envio ininterrupto interessante magazine FEITIÇO, cuja leitura muito me deleita. (a) Raul Bopp. Secretario da delegação brasileira.

Londres – O espírito não morre. Fica sempre perpetuando na memória dos que o recordam, por isso FEITIÇO ressurgiu. (a) Paschoal Carlos Magno. Oficial do gabinete da Delegação Brasileira.

(**Reaparecimento**, *Feitiço*, 12 de outubro de 1935 p. 01)

Não tivemos acesso a todos os números de edições, mesmo assim, destacam-se os colaboradores: Jayme dos G. Wanderley, Palmyra Wanderley, Genar Wanderley, Maria Lúcia, Lima Serrano, Renato Caldas e Z. Ballos (Virgilio Trindade). O periódico apresentava um campo de interesse voltado à produção literária e cultural, inclusive com recorrências de resenhas sobre livros lançados. Dentre os colaboradores, Jayme dos G. Wanderley assinava a seção *Catimbó*, espaço em que curtos textos apresentavam as atividades artísticas ocorridas em Natal. Havia um maior destaque para a publicação em verso.

2.4 A República:

O jornal *A República* (fundado por Pedro Velho em 1º de julho de 1889), “Nasceu com uma intencionalidade política; embora, posteriormente tenha servido bastante à divulgação de nossa literatura” (FERNANDES, 2006 p. 149). Espaço acolhedor de variadas tendências literárias e culturais, das mais tradicionais e conservadoras até a divulgação de movimentos de vanguarda, as páginas de *A República* guardam nomes dos principais autores da política e da literatura do Rio Grande do Norte entre o final do século XIX até os anos 80 do século XX. O primeiro artigo literário publicado em *A República* foi um soneto de Segundo Wanderley em 1890. A partir de então, diversas seções literárias surgiram para publicações de poesias, crônicas e folhetins.

Policarpo Feitosa descreve, no livro *Quase romance Quase Memória* (1969), o ambiente político-jornalístico do jornal *A República*. Essa junção entre políticos e jovens intelectuais talvez tenha sido o fator propício à popularização do jornal e o espaço que este

dedicou à produção literária do estado. Os diretores e redatores que ganharam destaque, como os intelectuais Eloy de Souza, Aderbal de França e Luis da Câmara Cascudo, além de estarem envolvidos com as questões administrativas do jornal, também publicaram diversos artigos literários. Eloy de Souza (diretor de 1914 a 1924 e de 1937 a 1939) criou as colunas *Pequenos Ecos*, *Cartas de um Desconhecido* e *Cartas Sertanejas* (assinadas sob o pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro). Aderbal de França e Luis da Câmara Cascudo iniciam em 1928 como redatores. O primeiro inicia em junho do mesmo ano a seção *Vida Social*, assinada sob o pseudônimo de Danilo, vindo a inaugurar o colunismo social norte-rio-grandense. Foi também o fundador da Revista *Cigarra* (1928 a 1930), uma espécie de “fon-fon” regional. Já Cascudo, inicia sua participação em *A República* com uma espécie de relatório de viagem científica. Anos mais tarde, Cascudo inaugura a seção *Autores e Livros*, um espaço para a crítica literária, além de tantos outros artigos esparsos de assuntos variados.

Na trajetória de *A República*, alguns fatos o tornaram um jornal ímpar de comunicação no estado, a exemplo, a divulgação pioneira no Brasil, segundo Fernandes (2006), do *Manifesto do Futurismo* em 05 de junho de 1909, sendo assim veículo de novas ideias, artes e literatura em nível nacional. Os anos 1920 marcaram nas páginas do jornal, através das seções literárias, a efervescência do movimento modernista, bem como a divulgação de poetas que vieram a ser símbolos de nossa literatura, como Jorge Fernandes.

Já na década de 1930, consolidaram-se os encaminhamentos literários e, mais uma vez *A República* deu conta desses acontecimentos através dos diversos artigos publicados, a exemplo, “A Temporada Literária de 1930” (*A República*, 03 jul. 1930 p. 01) noticiando suas atividades, acompanhando as conferências, além de reproduzi-las em alguns trechos. O jornal guardava em algumas de suas edições páginas reservadas à publicação da produção literária através das seções intituladas “literatura” (suplemento que surge em 1938). Nessa seção podia-se contemplar a escrita de Palmira Wanderely, Seabra de Melo, Veríssimo de Melo, dentre outros nomes que fizeram história nas letras potiguares.



A República, 07 dez. 1938 p. 03

Ao observarmos a ocorrência das publicações, percebemos, todavia, uma minimização em relação às publicações de versos. A tal fato, podemos justificar o surgimento de periódicos literários, como os citados acima, uma vez que havia uma recorrência entre alguns dos colaboradores de *A República* e dos outros periódicos em análise, além das significantes mudanças no contexto social e político do estado e país, às quais se referia Joaquim Ribeiro:

A poesia e a civilização

Nunca o mundo necessita tanto de poesia como neste século de intensa inquietação. É que diante dessa nevrálgia social somente esse entorpecente delicioso, que os poetas fabricam com a sua sensibilidade e a sua emoção poderá extinguir, pelo menos momentaneamente a agitação espiritual de todos esses problemas em conflito.

Parece-me perfeitamente tolas a alegação de que o nosso século não admite mais a poesia porque vivemos na era heróica da economia. Essa alegação, todavia não procede, pois, é justamente por vivermos em tempos tais que a poesia como um tóxico proibido pela civilização, é com mais intensidade por ela amada...

(Joaquim Ribeiro, *A República*, 14 abr. 1934, p.02)

Nessa direção, ao folhear as páginas dos anos 1937 a 1939, identificamos inúmeros artigos publicados sobre a Europa e o contexto preparatório para a Segunda Guerra Mundial.

Além de alguns nomes já citados, também foram colaboradores marcante os escritores: Dioclécio D Duarte, Damasceno Bezerra, Esmeraldo Siqueira, Jayme dos G. Wanderley, Raimundo Nonato Fernandes, Othoniel Menezes, Bezerra Júnior e Genar Wanderley. Infelizmente, os exemplares dos anos de 1931 e 1932 não foram verificados por se encontrarem em condições impróprias para pesquisa.

2.5 Considerações sobre os periódicos

Além da função comunicativa de apresentar fatos de maneira objetiva, o jornal proporciona também um espaço para a sensibilidade humana através das variadas manifestações artísticas. Verificamos que os periódicos *Xute*, *O Pharol* e *Feitiço* pertencem a uma conjuntura de intensa produção literária. Talvez esteja aí a explicação para o surgimento de vários jornais ao mesmo tempo. Este fato se confirma quando se observa a recorrência de muitos intelectuais presentes nas fontes pesquisadas.

Um fator extremamente recorrente nos periódicos relatados é a permanência da tradição literária do estado norte-rio-grandense através da transcrição de poemas dos poetas já falecidos: Auta de Souza, Ferreira Itajubá, Gothardo Neto e Lourival Açucena tiveram seus poemas publicados, bem como foram diversas as citações desses poetas nas vozes de seus conterrâneos que deram continuidade à tradição literária. A presença mais forte é a de Auta de Souza nas diversas homenagens prestadas por Palmyra Wanderley durante todo o decênio em estudo.

Nessa perspectiva, concluímos que esses jornais, alguns com mais intensidade que outros, contemplavam a divulgação das frequentes atividades culturais: apresentações no

cinema Rex e Teatro Carlos Gomes, festivais, concertos e concursos literários e de pintura. Esses registros mostravam também a ideologia defendida por cada jornal através da divulgação do dinamismo da cidade, atualizando os leitores com os noticiários dos fatos ocorridos, avanços de urbanização, situação administrativa e econômica do estado e conflitos nacionais. Outro papel importante desempenhado pelos jornais foi, e até hoje é, a divulgação das propagandas comerciais que se intensificaram na década de 1930 e ocuparam páginas inteiras, objetivando apresentar facilidades à vida do homem moderno.

As imagens a seguir são exemplares de algumas edições dos periódicos que confirmam a participação efetiva destes na vida cultural do Estado.

3. Do jornalístico ao literário

Totalizamos mais de um mil arquivos distribuídos entre verso, prosa, resenhas, crônicas, notas, trechos de conferências e palestras, dentre outros gêneros discursivos no campo entre o jornalismo e a literatura. Esse material possibilita estudos importantes e necessários, os quais também podem dar continuidade a outros já existentes.

No tocante ao verso, podemos encontrar tanto poemas tradicionais, ao gosto romântico e parnasiano, quanto poemas modernos. Há também um destaque maior à produção da prosa, sejam textos ficcionais, crônicas e resenhas de livros.

Nesse contexto, havia também a divulgação da publicação de livros de poemas e de romances. Esses livros, na maioria das vezes, eram resenhados nas páginas dos jornais e periódicos na seção de *Livros Novos* e/ou *Bibliografias*, a exemplo de **Roseira Brava** (1929), de Palmyra Wanderley; **A alma e a poesia do litoral do nordeste** (1930), de Eloy de Souza; **Gizinha** (1930) e **Alma Bravia** (1934), de Policarpo Feitosa; **Pussanga** (1930), de Peregrino Junior; **Orchestra Selvagem** (1930), de Barreto Sobrinho; **Macau** (1933), de Aurélio Pinheiro; **Natureza** (1935), de Bezerra Júnior; **Euthanasia** (1937), de Januário Cicco; **Ciranda de Emoções** (1938), de Genar Wanderley; **Os Brutos** (1938), de José Bezerra Gomes e **O Calvário das Secas** (1938), de Eloy de Souza. Perycles Moraes, mesmo vivendo no estado do Amazonas, sempre enviava notícias à sua cidade natal e exemplares de livros de sua autoria, como **Legendas** e **Águas Fortes** (não identificamos as datas das publicações). Há também resenhas de livros publicados em outros estados brasileiros, a exemplo de **A Viagem Maravilhosa** (1930), de Graça Aranha; **Vidas Secas** (1938), de Graciliano Ramos; **Sol e Banana** (1939), de Raul Bopp e José Jobim e **Kummunka** (1939), de Menotti Del Picchia. Esses dados apresentam um quadro das manifestações literárias do estado do Rio Grande do

Norte em meio a discussões como localismo, conservadorismo e desejo de modernidade, a exemplo do artigo:

Maravalhas

As letras potiguaras, até certo tempo medeavam entre poesia, jornalismo, crônicas e contos.

Felizmente, para nosso gaudio, não ficamos nas sínteses! O Rio Grande do Norte já se apresenta, no rumoroso cenário das letras nacionais, com algumas obras de unidade.

E, assim, temos para o subsidio de nossa cultura, entre outras, “Pussanga”, de Peregrino Junior; “Alma Bravia”, de Policarpo Feitosa, “Lyrio Aldeião”, de Bezerra Junior; “Matury”, de Edgar Barbosa e “Cabra de Peia”, de Adamastor Pinto.

Com estas credenciais o nosso Estado já se pode apresentar, na metrópole ou além dela, atestando pelas suas expressões radiosas de talentos, o grau marcante de cultura dos nossos homens letrados.

Nestas “Maravalhas”, deixamos n’a mensão particular de admiração pelo renomado escritor patricio Jayme Adour da Camara, sobre a impressão que nos ficou da leitura interessante de modernismo e atuação social de Oropa, França e Baía.

O Rio Grande do Norte não vive, agora, somente de sínteses melífluas, extravasadas em crônicas e poemas, a maneira dos “Cabeleiras” (de 1830).

Ainda Bem.

(*Maravalhas*, Anthero Borges, *Feitiço*, 25 maio 1935, p. 02)

Maravalhas era o nome de uma seção do periódico *Feitiço*, assinada por Anthero Borges que apresentava resenhas críticas sobre a produção literária local, como a dos escritores Bezerra Junior e Palmyra Wanderley. Na transcrição acima, percebe-se uma tentativa de aproximar o movimento literário local ao movimento nacional, mostrando que o Rio Grande do Norte ocupa um lugar “marcante de cultura dos nossos homens letrados”. Essa tentativa de aproximação corresponde ao Modernismo brasileiro que se articulava com os movimentos regionais de modernização, cujos aspectos locais se atualizavam à conjuntura nacional em que a tradição e a realidade urbana em processo de modernização interferiam nos movimentos de renovação literária e cultural. Ainda sobre esse aspecto, Nilo Pereira em discurso na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras em 1968, afirmava que:

Em 1930 estávamos preparados para apresentar ao Brasil um padrão de vida intelectual e político digno de enfrentar o mais severo julgamento. O estado pequeno engrandecia-se pelos métodos da administração, pelo sinal das posições novas no País ainda tímido dos avanços fatais. (PEREIRA, 1968 p. 133).

O desenvolvimento apontado por Nilo Pereira era percebível nas páginas dos jornais: a intensificação dos fatos através dos noticiários, além das intensas divulgações das atividades culturais e os serviços prestados à população a partir do desenvolvimento do meio urbano e das tentativas de redução das consequências da seca ao homem do campo.

Outro fator percebível eram os efeitos que a modernidade imprimia, apresentando mudança de comportamento e muitas vezes reflexões valorosas sobre o passado, a exemplo do artigo **Visão do Passado:**

Tudo muda na face da terra. O sol nem sempre é escaldante, e a lua vezes há em que se mostra menos prateada. A vida precisa ser cheia dessas anormalidades para melhor ser compreendida.

O passado é a única lembrança suave que podemos guardar do presente.

Hontem, no passado feliz da mocidade sadia dos meus 18 annos, eu e tu, commungando a mesma pobreza dos nossos Paes, vivíamos de braços dados trilhando felizes o caminho da existência que nos conduz às regiões do sonho azul dos namorados. Cantávamos em duetto harmonioso, a Hozana da gloria e da Felicidade conquistada, dessa felicidade que se evaporou dos meus sonhos para as plagas longiquas; para o além dos horizontes das minhas 18 primaveras que passaram rápidas como o sopro da briza que perfuma os campos.

Em uma tarde morna de Abril, quando os rouxinóes entoavam Ave-Maria ao Sol agonizante teus Paes deixaram a cidade onde havíamos edificado os nossos castellos. Tuas mãos morenas acenaram-me até a primeira curva do caminho, um lenço branco que em mistura com o escarlata do poente, parecia um pedaço de minha vida a volutear em redor do teu corpo.

Passaram-se os tempos, e com elles se amontoaram em minha existência mais alguns annos, e nunca mais ti vi.

Um dia, numa cidade cheia de arranha-céus, roncões de motores e fofonar de automóveis, uma baratinha azul como o azulado do céu, parou junto de um rapaz robusto, porém andrajoso, que sofregamente procurava apanhar do asfalto reluzente uma ponta de cigarro. Por um triz não se verificou um atropelamento, e tu com pose estudada e gestos pensados dirigias a bebê-azul olhaste-me como quem admira a um cão que interceptava o teu passeio de elegante-rica, não quizes-te me reconhecer e, numa arranca louca, me envolves-te na fumaça branca do motor como a poeira de ouro da saudade do nosso tempo de pobreza, passado de um presente que já se foi e que não volta nunca mais.

(**Visão do Passado**, Pharoleiro, *Pharol*, 10 abr. 1937, p. 01)

O autor, não identificado, apresenta de maneira nostálgica lembranças do passado sob os efeitos dos elementos da modernidade. A essa mudança de tempo, verifica-se, além do envolvimento amoroso que se desfez ao passar do tempo, algumas tranformações no ritmo da cidade, a ausência dos rouxinóis, a presença do barulho dos automóveis e a intensificação da movimentação urbana. O texto apresenta dois momentos: o passado e o presente; em cada situação descreve o cenário dos acontecimentos, mostrando as inevitáveis mudanças psicológicas, físicas e materiais que interferem na vida do ser humano.

Nesse contexto de modernização, tanto na literatura quanto nos elementos da modernidade, constatamos também a presença da valorização de dados nacionais:

Nós, hoje, damos valor ao que é nosso, ao que é genuinamente brasileiro. Antigamente, não acontecia assim, uma vez que só prestava o que vinha do estrangeiro desde o biscoito até a manteiga. Hoje, não, tudo produzimos, tudo fabricamos, e as indústrias nacionais rivalizam com as dos países mais adiantados do mundo. Assim é que o delicioso Vinho TRENINO fabricado pela Sociedade Cooperativa Agrícola S Pedro, de Nova Freixo, uma das mais importantes do Rio Grande do Sul, o estado vinícola por excelência, não teme competição, no gênero, com os melhores produtos europeus. Tem o sabor da uva, tem o cheiro da uva em três tipos fabricados: Tinto Extra, Branco e Tinto Superior. Beber um TRENINO bem gelado, a refeição é sentir um prazer paradisíaco. Quer ter uma prova experimente. São agentes neste estado do famoso Vinho os activos comerciantes M. Martins e Cia, desta capital.

(**Nacionalismo**, *Xute*, 01 jan. 1933, p. 01)

Temos aqui, com a divulgação de um produto, uma tentativa de comparar o desenvolvimento industrial nacional com os grandes centros mundiais, mostrando o Brasil como um país moderno. A partir do argumento de desenvolvimento e de divulgação da indústria nacional, o texto tenta persuadir para a valorização do produto. Os jornais, já em 1930, ou antes, atualizavam os leitores de alguns fatos da cidade e do mundo, além de servir como mostruário para a publicidade de vários produtos. Isso mostra que a vida natalense era atualizada e ganhava dinamismo através dos jornais, rádio, livros, incorporando elementos da modernidade ao cotidiano da cidade.

Além das seções *Livros Novos* e *Maravalhas*, outras também despertaram nosso interesse, ora pela recorrência, ora pelo tema tratado, ora pelos autores que assinavam. Apresentaremos um sucinto recorte delas:

3.1 As seções

3.1.1 *Feitiço de Mulher*, *Perfis Femininos* ou *ABC poético*, foram os nomes que a seção do Jornal *Feitiço* recebeu ao longo de sua efêmera existência. Esse ambiente objetivava “desenhar em versos o perfil da juventude dourada da terra moça e verde” (02/05/1936), ou seja, apresentar elogios às moças da sociedade. São assinadas por Palmyra Wanderley, algumas utilizam o espaço para apresentar de modo poético algumas de suas amigas,

geralmente utilizando metáforas relacionadas aos elementos da natureza e à sensualidade feminina:

Palmyra diz hoje, pela sua poetica admiravel o G. desse alphabeto em que
“FEITIÇO” perfila as moças da cidade.

Gloria Sigaud
Harmonia do som, perfume numa taça,
Gloria da terra verde onde a sua arte esplama.
Flôr morena e singela, a rir cheia de graça,
Agita a caixa azul de musica, de sua alma.

(*Feitiço*, 04 jul. 1936, p.02)

A presença da poetisa nos jornais pesquisados não se limita a essa seção, sua escrita esteve presente durante toda a década, tanto nos textos em verso quanto em prosa e em alguns assinados sob a forma de pseudônimo.

As demais seções apresentadas a seguir foram todas publicadas durante a década de 1930, no jornal *A República*.

3.1.2 *Vida social ou Sociais* eram os nomes da coluna que se apresentava em todas as edições do jornal ao longo da década. Iniciada por uma crônica, assinada, na maioria das vezes, por Danilo (citado anteriormente) e algumas por Romullus, pseudônimo de Rômulo Wanderley. Havia também, em algumas edições, poemas de variados colaboradores, tais como Palmyra Wanderley, Esmeraldo Siqueira, Damasceno Bezerra, bem como em outras edições, um pequeno texto com o título “Bola de Neve” (especificamente no ano de 1930) que fazia menção a reuniões das senhoras da elite natalense. Ainda nessa seção estavam presentes os seguintes destaques: aniversariantes, viajantes, hóspedes, visitas, noivos, casamentos, núpcias, batizados, enfermos, falecimentos, telegramas, dentre outros que poderiam variar de uma publicação para outra. O que nos interessa aqui são as crônicas, sempre acompanhadas por um título, às vezes de maneira direta, às vezes indireta, a respeito dos assuntos tratados que eram bem variados: rotinas escolares, ensino, religiosidade, festas tradicionais da cidade, atividades culturais e artísticas do teatro Carlos Gomes, rotina da cidade, presença de elementos da modernidade (bonde, automóveis, lojas, vitrines, música, cinema, etc.). Apresentemos um exemplar:

Avenida ...

Quem não te quer bem, avenida, quando estás assim com ares de garota, a sorrir para tudo quando a tarde de todos já se despede? As tuas

manhãs serenas têm um encanto que faz bem à cidade. As tuas tardes, minha avenida sapeca, têm o ouro que seduz o espírito da mocidade para que Ella sinta a volúpia de ser feliz.

Horas quentes de um mal começado inverno. Um pouco de nuvens densas sombreando o espaço, e cá pelos passeios da avenida um grupo que passa e observa, alguém que surge, adivinha e espera. Um sorvete, entre uma duvida e um compromisso. Dois minutos no meio-fio esperando os bondes...

Avenida garota, quem não gosta de ti quando as normalistas descem da última aula e as alunas do comércio trazem da escola a derradeira sensação do estudo?

Quem não gosta?

(Danilo, *A República*, 30 mar. 1930 p. 06)

Entendemos que através da personificação da avenida, o cronista apresenta a temática cotidiana aliada a um tom poético no momento em que descreve a cidade em tom de saudosismo, como podemos observar em “as tuas tardes, minha avenida sapeca, têm o ouro que seduz o espírito da mocidade para que Ela sinta a volúpia de ser feliz”. Possivelmente, trata-se de uma avenida localizada entre a Cidade Alta e a Ribeira, por apresentar bondes e alunas da escola do comércio que funcionava no limite entre os dois bairros.

3.1.3 *Da capital Federal ou Do Sul para A República*, são correspondências do ex-governador Alberto Maranhão, seção que já existia na década anterior e perpassa todo o período em estudo. O autor nomeia algumas dessas correspondências como sendo cartas e outras como sendo crônicas. Independente do gênero discursivo da escrita, o certo é que as palavras de Alberto Maranhão pretendiam transmitir um tom forte de influência e otimismo na vida cultural e política do estado, conforme o fragmento:

Começo esta chronica de agosto congratulando-me com o dr. Rafael Fernandes pela intelligencia com que o governo do Estado vae augmentando as obras publicas. Li há dias em telegrama de Natal para o Rio a noticia da inauguração de mais um poço, o oitavo, no prospero município de Baixa Verde.

A noticia recordou-me ter sido durante meu modesto governo que se iniciaram os trabalhos de perfuração dos poços tubulares que tão grandes serviços têm prestado às populações e à pecuária.

Outro informe que leio no serviço telegraphico é o das grandes e modernas instalações que se vão fazer no Aero-club de Natal, justamente nesse antigo prédio do Tyrol, que construi e onde morei nos últimos anos de minha permanência no Estado. Como deve estar modificado e grandioso o aspecto do edifício lindamente situado no alto da suave colina e de cuja terrasse a vista repousa no verde da mata que cobre os morros de areia da costa do mar belíssima península entre o Atlantico e o Potengy. Por associação de ideia, vem-me a memória o artigo alarmante de Manoel Dantas n’A REPÚBLICA de há 40 anos – sob a epigrafe – Perigo imminente -. Era um carreiro ou vereda que as vacas de leite de Joaquim Manoel e de outros criadores dos subúrbios, que eram os actuais bairros de Petropolis e Tyrol, haviam aberto

no morro, a busca de pasto e pela qual vereda as areias se despenhavam, alastrando-se na base da collina [...] (fragmento incompleto)

A sala de redação d'A REPÚBLICA ... Que recordações.

Uma vez, H. Castriciano, menino de 20 anos, entrou, arrogante: e, jogando sobre a Mesa o original de *Vibrações*, bradou, magnífico: - Isto é que elles não farão jamais – Referia-se aos nossos adversários entre os quais formava o commendador Umbelino de Mello, a quem especialmente detestavam, naquelle tempo, elle e seu irmão Eloy de Souza, rapaz de 22 anos, delegado de policia de Macahyba e já nas cogitações de Pedro Velho para elevar-se á Camara dos Deputados federaes.
[...]

(Do Sul para A República. *A República*, 28 ago. 1937, p. 03)

Alberto Maranhão faz análise sobre a conjuntura política e econômica do país e do mundo, fala sobre a possibilidade do Rio Grande do Norte exportar seus produtos, opina sobre as ações realizadas no estado, tece comentários com entusiasmo sobre os livros novos da terra potiguar que chegavam a suas mãos, lamenta a perda de alguns conterrâneos; enfim, de longe, acompanha atento o desenvolvimento de sua terra natal. A partir desses textos, percebemos o compromisso que seu autor tinha para com o Rio Grande do Norte, uma personalidade sem dúvida decisiva durante a *Belle Époque* Potiguar².

3. 1. 4 *Confidências*, escrita por Epaminondas, pseudônimo de José Pinto, ultrapassa uma dezena de arquivos. Segundo o artigo de 01 de julho de 1930, essa seção se iniciou em julho de 1929, apresentando reflexões subjetivas a partir de relatos de fatos, mudanças de comportamento, de hábitos e de festividades:

Falando sério, não se pode dizer que as tradicionais festas de Natal, Anno-Bom e Reis, nesta temporada, estejam passando em branca nuvem, ou mesmo correndo desanimadas.

Isto não. A Cezar o que é de Cezar.

O anno passado, me lembro bem: o seu cambio esteve muito mais frouxo.

É verdade que, coincidindo a data da fundação desta Cidade com a data em que o orbe católico comemora o nascimento do meigo Jesus, podia a Cidade de Natal ter um natal muitíssimo mais alegre, mais festejado, mais retumbante.

Isto, talvez seja porque ninguém até hoje queira assumir essa responsabilidade. Ahí fica uma lembrança que merece discussão ... para mais adiante.

Todavia, os festejos pelo Natal não correram desanimados.

² Sobre a Belle Époque no Rio Grande do Norte, cf. o estudo *Belle Époque na esquina: o que aconteceu na República das letras potiguar* (GURGEL, 2009).

A missa do Gallo foi celebrada com grande concorrência de fieis e pessoas gradas, em vários pontos da Cidade; danças e barracas nas praias do Meio e Areia Preta; uma procissão fluvial no Rio Potengy, promovida pelos veranistas da Redinha, em homenagem a sua protetora, a Senhora dos Navegantes; a pedra inaugural de uma nova Capella a S. Francisco das Chagas; baile no Aero-club e banhos na piscina; na casas particulares ceias retardadas, com torradas, sequilhos e sandwiches de peru, até a hora das missas.

Nas ruas, o povo em autos, bondes e canjas divertindo-se e suppondo estar gosando a vida, na sua ingenuidade de criança barbada, de eterna criança ...

Para os lados da Solidão, ouvi distintamente o aboio do velho e tradicional brinquedo do Boi Kalemba.

Apurei mais o ouvido e ouvi o Lalaia berrar, batendo nos tamancos que traz nas mãos, esses versos, que eu ouvira quando menino, e que até hoje não mudaram, nem na forma nem no fundo:

*Eu andei no mar perdido
Incaiei, sartei no porto,
Meus senhores e senhoras
Deus lhe dê muito boisnoite.*

*boa noite lhe dê Deus
Com sua candeia acesa ...
Nós viemos festejá
A hora in que Deus nasceu.*

*Dois galantes bonitos
Eu aqui hei de apresentá,
E eu no meio delles
Como um massarico a dançá.*

Ouvi também o espoucar não de champagne, mas de uns foguetões ao longe. Indago, e me informam que eram as salvas da Náu Catharineta, pella daquele bairro, em honra de Deus Menino.

E não foi só.

Já madrugada velha, ouvi o rufar de um tambor cançado no meu bairro. Era a passagem dos congos, outra diversão innocente que o nosso povo muito aprecia e gosta de ouvir, e que dizem ser originaria da Costa d'África.

Os foliões vinham roucos, talvez pelo effeito do sonno da poeira e do Paraty.

Ainda assim, percebia-se elles cantarem:

*Acorda, acorda, acorda,
Acorda, acorda quem drome.
É aletra, é aletra, é aletra,
É aletra, e aletra do sonno ...*

*Oia a moça na jinella,
Para ver a triste vida
Que o pobre atirando leva.*

*Acorda quem está drumindo,
Na serena madrugada,
Venham ver nosso chefe,
General da nossa armada.*

*Tem dô, tem dô
Do meu pená...*

*Anrique, rei Cariongo
Home farso, sem palavra,
Elle prometeu a França
Que o captiveiro acabara.*

*Tem dô, tem dô
Do meu pená ...*

De toda população desta bella e poética Cidade, talvez fosse eu o único vivente que aquella hora tivesse, na realidade, pena e dó daqueles foliões, que na sua bella inconsciência estavam revivendo e fazendo vibrar um dos nossos tradicionais folguedos.

De lapinhas, não vi nem sombra.

E de todos os festejos populares, é a Lapinha a nota mais interessante, mais apreciada e mais expressiva dos folguedos do Natal.

Estou, que em breve tudo isto terá que desaparecer: fandango, congos, lapinha.

Mello Moraes Filho, no seu bello *Festas e Tradições Populares do Brasil*, disse que as nossas festas populares, que os nossos festejos tradicionais, vão se desmoronando como um castelo de cartas ...

E já hoje vemos essas festas por um binóculo invertido.

Em todo caso, Natal divertiu-se.

Viva o jazz-band! Viva o cinema! Bons annos, amigo Fox-Trot!

(**Confidencias**, Epaminondas, *A República*, 01 jan. 1930 p. 6)

As confidências apresentam um caráter nostálgico ao expor relatos sobre traços da cultura popular e ao mesmo tempo um receio de que tudo isso chegue aos seus derradeiros dias. A reprodução dos versos do *Boi Kalemba* é uma tentativa de mantê-lo vivo na memória dos leitores. Além das festividades de ano novo, as confidências apresentam também lembranças sobre as festas juninas, o carnaval, o uso dos vestidos longos e curtos, a forma de namorar, enfim, cada texto apresenta uma análise, segundo a visão do autor sobre esses eventos que faziam parte da rotina da cidade.

3.1.5 De Arte, seção assinada por Eutyichiano Reis (em alguns textos imprimia apenas as iniciais E. R.), identificados no ano de 1930, apresenta informações sobre a vida da música clássica em Natal:

Waldemar de Almeida, o nosso querido pianista, após elevar, nos centros cultos da Europa, o nome artístico de nossa terra, presenteia-nos com um curso de piano, oferecendo-nos a feliz oportunidade de desenvolvermos, condignamente, a nossa cultura musical, a possibilidade de sermos, em próximos dias, um nome de relevo entre os de conceito já firmado no paiz.

A segunda audição de suas discípulas já nos autoriza a aguardar uma época que ficará por muito, quiçá por sempre, gravada entre os nossos mais desvanecedores acontecimentos artísticos.

Foi uma tarde de arte. Foi um acontecimento social.

[...]

(De Arte, E. R. *A República*, 20 mar. 1930 p. 01)

O autor descreve minuciosamente as audições realizadas, o curso de piano de Waldermar de Almeida, a execução e a segurança de seus discípulos. Há destaque para Orianne de Almeida, Maria da Gloria Sigaud, Zuleide Garcia, Dulce Cicco, Odila Garcia, dentre outras.

3.1. 6 A Nota, seção que teve início em janeiro de 1930, assinada por Cyrano, pseudônimo de Edgar Barbosa. Na sua primeira publicação, em 03 de janeiro de 1930, há uma apresentação do que se pretende fazer nesse espaço de escrita. Mostra que a coluna viverá dos acontecimentos vigentes à época. Seu texto é leve e literário, há perspectiva de falar sobre arte, literatura, política, mundanismo, dentre outros. O exemplar abaixo, de 18 de janeiro de 1930, apresenta aspectos da produção poética de Palmyra Wanderley:

Palmyra Wanderley ainda continua a receber de todos os pontos do país entusiásticas homenagens ao seu talento de poetisa que tão maviosamente soube firmar-se nas páginas de “Roseira Brava”.

A continuação destas homenagens tem um valor tão alto que, a nós mesmos, conterrâneos de Palmyra vivendo no mesmo ambiente que Palmyra cobre os ritmos, sentindo a beleza dos mesmos poentes que ela viu e pintou com tanta originalidade – parece inexplicável.

Numa terra onde quase toda gente faz poesia, numa pátria onde as rimas brotam cantantes de todos os olhos e movem em cada sorriso moreno e transbordam da voz e do gesto de cada patrícia encantadora, vencer assim com um livro, ir-se assim com alguns versos com admiração e o enlevo de outras terras, de outros sentimentos estranhos, e - permita-nos a perdoável heresia literária – é quase um milagre.

Porém esse entusiasmo que corroe o livro de Palmyra, essa admiração e esse enlevo com que a cultura e o sentimento sulistas aureolaram os versos de Palmyra têm uma explicação tanto mais lógica e mais fácil quanto maior e mais bella foi a sagração da poetisa em todos os meios literários.

Porque Palmyra conseguia fazer na moderna poesia brasileira o que Tarsila do Amaral fez na pintura: uma revolução que marcou uma sadia renovação.

Graças, para o nosso nome, a maior Victoria da Palmyra não foi obtida aqui. O seu triumpho maior Ella o foi encontrar em Recife, onde “Roseira Brava” teve o sucesso que se pode esperar de um livro de poesias exposto ao indifferentismo de uma cidade mercantilizada. E não foi um triumpho passageiro, como o são todos os carinhos da gloria. Palmyra ainda continua a receber inumeras demonstrações de sympathia ao seu livro. Livro que é bem nosso, porque foi feito quase todo aqui, inspirado pelas nossas praias, pelo céu, pelo sol, pelas tardes crepúsculos nossos, por tudo que ainda está em paisagens minúsculas nos olhos de Palmyra cuja retina não esqueceu

ainda, não pode esquecer o que ela própria tanto movimentou, embalando aos acordes de sua harpa sonora.

(A Nota, Cyrano, *A República*, 18 jan. 1930, p. 01)

Na nota sobre Palmyra, o autor compara sua capacidade de escrever versos à de Tarsila do Amaral manipular os pincéis na pintura. São elogios que reconhecem o brilho expresso em *Roseira Brava*, livro publicado em 1929.

Chamou-nos a atenção o fato de os autores das colunas *De Arte* e *A Nota*, assinadas por pseudônimos, publicarem textos que eram firmados pelos nomes próprios na mesma edição do jornal. Isso mostra que nessas colunas eles apresentam um *ethos* diferente daquele em que usam o nome de batismo, o que se configura estilos de escrita diferentes.

3. 1. 7 *Autores e Livros*, seção assinada por Luís da Câmara Cascudo, teve a sua primeira publicação em 16 de março de 1930. O seu autor inicia com um agradecimento ao jornal por convidá-lo para assumir a seção. Sua responsabilidade seria comentar os livros que chegassem à redação de *A República*. Tais livros poderiam merecer reconhecimento ou ganhar um “enterro de primeira classe”, assim como escreve o resenhista. Essa não seria uma tarefa nova a Cascudo, uma vez que ainda na segunda década do século XX iniciava seu papel de divulgador cultural e crítico da produção literária potiguar nas páginas de *A Imprensa*, algo que se consolida ao publicar **Alma Patrícia**³ (1921). Dentre os livros e autores comentados, estão: *Vientos Del Brasil y otros Poemas*, de B. Sánchez Sáez; *Contemporaneos*, de Gonzaga Duque; *Foguete de Lágrimas*, de Helio Peixoto; *Pussanga*, de Peregrino Júnior; *Dois Ensaios*, de Jorge de Lima; *Sob o olhar malicioso dos trópicos*, de Barreto Filho e *Parábolas*, de Francisco Gil Esquer. O trecho seguinte apresenta sobre *Pussanga*:

Pussanga – PEREGRINO JUNIOR. Typ. Hispano-Americana. Rio 1930

É a segunda edição do livro de contos de Peregrino Junior. É a outra face de quem escreveu VIDA FUTIL. Um inesperado cronista, um fixador incizivo, claro, nítido, com uma precisão de detalhes, uma ciência de grafiação verdadeiramente magnífica. Em PUSSANGA não se sabe onde termina o fino espírito que escolheu e imobilizou aquella galeria deliciosa de typos e principia o comentador sereno e triste no inferno verde dos seringaes silenciosos. Não há neste livro leve despreocupado uma pretensão maior de “criar”, mas de lembrar cenas inesquecíveis. O parará egresso dos estirões monótonos do rio leva para a cidade-grande o pavor instintivo e pitoresco

³ Em **Alma Patrícia**, Cascudo apresenta uma análise da produção literária norte-rio-grandense até aquele momento e entre os dezoito poetas citados, pelo menos seis continuaram produzindo versos nos jornais ainda na década de 1930: Sebastião Fernandes, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes, Abner de Brito, Palmyra Wanderley e Virgílio Trindade.

como Eduardinho que Leitão reprovou cumprindo sem pensar a tradição de Feitiço ter “pezo”. Em Peregrino de PUSSANGA não se encontra uma só folha do JARDIM DA MELANCOLIA. De sua técnica bastaria o professor Leitão, terror-cosmico-do-quarto-ano-medico. Ninguém esquecerá o impertubavel mestre com seus “*que vêdes, moço? Atentai bem, jovem!*” de atribulada memória de quem o viu no elefante-branco da Praia-Vermelha.

Em PUSSANGA existe o atabalhado do nortista que no extremo-norte é incapaz de fixar as fronteiras nataes. Há um cearense que nasceu no catolé do Rocha, “no Rio Grande do Norte”. Os tres Estados invocados são os responsáveis pela grandeza selvagem do trabalho realizado na terra verde. O escritor se revela em traço seguro.

[...]

(Autores e Livros. *A República*, 30 mar. 1930, p. 01)

3. 1. 8 *Notas da História Potiguar*⁴, também assinada por Luís da Câmara Cascudo, teve início em 13 de julho de 1930. Identificamos nesta seção 13 notas sequenciadas, todas do mesmo ano, em que o autor esclarece desencontros de datas, de informações e em alguns momentos confronta a tradição oral com os fatos históricos, conforme o exemplo:

A rua Santo Antonio

A tradição conserva a lenda de ter sido feita a igreja de santo Antonio pelo capitão-mor Caetano da Silva Sanches. Esse Caetano assumiu o governo interinamente a 12 de agosto de 1791. Efectivo por patente de 27 de março de 1797 e ratificação de posse a 7 de fevereiro de 1798.

Há uma superstição para quem constrói igreja desde o alicerce. Morrerá no dia da missa inaugural. E possível ter os pecados attenuados. Curiosamente Caetano da Silva Sanches morreu em Natal em 15 de março de 1800.

O capitão-mor trouxera a planta da igreja duma outra de sua terra. E até o gallo de bronze figurou. Lembrava mais a terra longe que o saudosismo aproximava sempre.

Lourival Açucena escreveu uma versalhada em que o gallo da torre de Santo Antonio dava suas noticias.

*Caetano da Silva Sanches,
Governador portuguez,
Foi quem aqui collocou-me
Há mais dum século talvez ...*

*Cá do alto lobrigando
Traquinadas do demônio
Vou mandando telegrama
Por torre de Santo Antonio*

Está é a história popular, antiga e aceita.

⁴ Em carta a Mário de Andrade (05/12/1930 – CASCUDO, 2010, p.188), Cascudo informa o fim da seção histórica exclusivamente para *A República*. Possivelmente seja a seção ora apresentada, pelo fato de termos localizado somente *Notas* durante o ano de 1930. No mesmo ano, Cascudo inicia colaboração semanal no *Diário Nacional* por intermédio de Mário de Andrade.

A rua Santo Antonio (Coronel Bonifácio) é uma das mais antigas. Era o antigo “caminho de beber”. Há um registro de uma data de terra concebida em 1776 a Maximiana Cardozo na rua de Santo Antonio que vai para a fonte de beber água.

Mas a história não endossa a tradição. Aqui está um caso deste desencontro. Caetano da Silva Sanches assumiu em 1791. Em 1776 já tínhamos uma rua de Santo Antonio. Quinze anos antes da vinda do governador português.

Não é tudo. Há um registro de data de terra concedida a Maria Pereira dos Prazeres em 1785 e outra ao tenente José Barbosa Gouveia (o escrivão rabiscou – Gouveia em 1784). A primeira cita na rua de *Senhor Santo Antonio*.

Temos a igreja do Senhor Santo Antonio já feita e dando localização aos registros do Caetano dar um ar de sua graça entre nós.

Sete anos antes de sua mercê assumir interinamente o governo da capitania a igreja estava erguida.

Pelo visto não foi Caetano da Silva Sanches o fundador piedoso da construção. Podia te-la terminado. E mesmo ter colocado o gallo de bronze no cimo da torre.

Mas a tradição, desta vez perdeu...

(Notas da História III. *A República*, 20 jul. 1930 p. 01)

Nesta seção, Cascudo apresenta estudos diversos que dizem respeito à história do Rio Grande do Norte. Em algumas notas, ele faz uso de outras vozes para confirmar suas pesquisas. Além da nota apresentada, são exemplos os títulos: “A mais antiga Villa do Estado”, “André de Cunhaú”, “Os marcos coloniais da Cidade”, dentre outros estudados pelo historiador-folclorista.

3. 1. 9 *Notas de uma viagem remota*, escritas por Eloy de Souza, publicadas ao longo do ano de 1930, retratam as suas impressões sobre a ida ao Egito em 1910. Por desempenhar funções políticas, e preocupado com as questões sociais e econômicas do Nordeste, o objetivo da viagem era o de conhecer as grandes barragens e o sistema de irrigação, com o intuito de trazer sugestões que minimizassem soluções para o problema da seca no Nordeste brasileiro. Entre outras iniciativas, Eloy de Souza destaca-se pelo pioneirismo na criação de programas de combate à seca. Nessas “notas”, o autor não se limita a falar das analogias geográficas entre o Egito e o Brasil. São mais de dez relatos pessoais, com traços subjetivos e líricos, por meio dos quais descreve a forma de vida egípcia, a religiosidade, os costumes, as tradições, além de retratar, como qualquer outro viajante, algumas anedotas da terra dos faraós. Ainda não temos informações se essas notas foram publicadas em outro veículo, entre o período da viagem aos anos de 1930. O trecho abaixo corresponde à maneira como os egípcios tratam as árvores:

[...]

O que vi no Egypto não confirma o julgamento. Há pelas cidades e pelos campos um extremoso cuidado pelas arvores. A desolação manifestada por toda a gente da cidade em face dos destroços de uma arborização mantida em grande parte pela carinhosa colaboração do povo com o poder público, transportou-me em pensamento a Natal, onde não há pelas arvores o desvelo correspondente aos benefícios que ellas prestam. Em paragens, assim, de sol ardente, o arvoredado devia ser a mais constante preocupação dos natalenses porque somente graças à sua sombra a inclemência do clima pode ser attenuado. A tantas mil léguas de distancia o voto que formulei foi o de ver aqui como estava vendo na cidade egypcia o culto pelas arvores, interessando todas as classes como um dever pessoal indispensável á própria vida. Ao contrario dessa devoção ainda hoje testemunhamos a freqüência com que as creanças no descuido de suas travessuras retardam o crescimento das arvores pequeninas e maltratam o tronco e a copa das adultas, talvez à falta da lição paterna que lhes incuta nos espíritos desabrochantes o respeito devido a esses pobres seres indefesos, eternamente chumbados à terra para abrigo certo a quantos lhes pedem na hora canicular sombra e repouso.

Uma melhor compreensão do valor que ellas representam na decoração das ruas e praças, na influencia que exercem sobre a alma e o humor da população urbana, devia determinar o interesse de todos em secundarem a acção do poder público desde muitos annos empenhado em dar a Natal alamedas e parques refrigerantes. O amor pelo embellesamento de nossa cidade e o desejo de vê-la procurada pelas delicias de um clima cada vez mais ameno, leva-me agora a sonhar de novo com o dia em que de cada habitação nas claras manhãs de estio a arvore fronteira ou próxima possa receber pela mão benfazeja do homem a sua ração de alimento quotidiano como costumam fazer os egypcios em obediência à determinação do seu propheta.

[...]

(Notas de uma viagem remota. *A República*, 24 ago. 1930, p. 01)

Nessas impressões há uma crítica à forma como os natalenses lidam com as árvores e a vegetação em geral, sem a valorização desse bem natural tão agradável. Outra impressão relevante, identificada em outra “nota”, é sobre a forma como os egípcios cuidam dos jumentos e o valor que este animal tem, diferentemente do uso em terras potiguares.

3. 1. 10 *Cartas Sertanejas*, assinadas por Jacyntho Canela Ferro, um dos pseudônimos de Eloy de Souza⁵. As dezessete cartas identificadas datam de dezembro de 1937 a maio de 1938 – uma publicação semanal que já fizera parte das edições de *A República* na década anterior. Todas eram encaminhadas ao redator do jornal, como bem inicia o vocativo apresentado abaixo. Na primeira carta, de 28 de dezembro de 1937, Jacyntho diz que está de volta, depois de tantos anos, para apresentar lembranças do sertão:

⁵ Publicadas com o título *Cartas de um sertanejo* (Brasília: Gráfica do Senado, 1983). Sobre o autor, cf. o estudo *Eloy de Souza: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas* (FILGUERA, 2011).

Sr. Redactor:

Nesta nova série de cartas, o meu fim é unicamnete, como já fiz de outras vezes, registrar usansas, factos, costumes e tradições, que aproveitem aos que desejam estudar o meio nordestino. Não se trata, assim, de simples passatempo de velho sertanejo enfastiado de solidão. Certamente, encontro nesse convívio com os leitores do seu jornal distração que é prazer e seria vaidade se, escrevendo-as, pretendesse o galardão de escriptor. Sempre fui um servidor da nossa boa terra; e esta tarefa semanal, ainda é uma maneira de servi-la, com o amor e o desinteresse de quem procura fazer o bem sem pensar sequer na recompensa da gratidão. Pago já estou de sobra pelo contentamento de poder recordar coisas e pessoas do passado e escrever as lembranças que a memória guardou destinadas á construção da história de nossa terra, para a qual não haverá pedras inúteis.

A labuta do sertanejo está tão mudada que vale a pena gravar no papel o que Ella foi, pois de outra maneira não poderemos comprehender a utilidade de certos objectos, hoje esquecidos e que foram, entretanto, indispensáveis no seu tempo.

A vara de ferrão está neste caso, como acontece com certos modelos de sellas sertanejas, hoje desaparecidas, sem falar nas bridas, cabeções e roupas de couro das quaes só os velhos bem velhos se recordam.

E pena que não haja no nordeste um museu onde fossem recolhidas essas amostras de nossa indústria primitiva e da nossa lida sertaneja desde os tempos em que lutávamos contra índios e feras.

[...]

(*Cartas Sertanejas. A República*, 15 fev. 1938, p. 03)

Percebemos nas cartas a divulgação de um sertão que se modifica ao passo em que a modernização se aproxima. Há uma tonalidade nostálgica e poética, mostrada com descrições que envolvem os hábitos do sertanejo, muitos deles já em desuso no contexto da escrita. Cada carta é uma história que abrange, além de pessoas que figuram na história do Rio Grande do Norte (Fabião das Queimadas, Dendé Arcoverde, dentre outros), a apresentação de hábitos curiosíssimos da tradição sertaneja como um legado, como o mistério que envolve a vida dos animais do sertão, o preparo da carne de sol, a roupa de couro do vaqueiro. Notamos uma valorização do sertão (com todos os seus elementos), bem como do sertanejo. Algumas cartas são finalizadas em modo reflexivo e lamentam algumas mudanças que o tempo se encarregou de apresentar à vida do sertanejo. Concluimos que por meio de Jacyntho, Eloy de Souza apresentava e valorizava essa tradição.

3.1.11 *Um livro que nos entristeceu*, são artigos que ultrapassam vinte e cinco publicações, entre os meses de maio e julho de 1938. Apesar de não serem assinados, temos o conhecimento de sua autoria: Dr. Eloy de Souza que, além de fazer parte da direção de *A República*, era membro do Departamento de Obras Contra as Secas. Os artigos têm o objetivo de refutar o livro “O Problema das Secas no Nordeste Brasileiro”, do Dr. Clodomiro Pereira

da Silva, engenheiro e professor da Universidade de São Paulo. Dentre os vinte e sete artigos identificados, encontramos, desde o início, fortes opiniões contrárias às de Clodomiro Pereira da Silva. Eloy combate ponto a ponto com argumentos seguros, mostrando conhecimento sobre o tema tratado. O norte-rio-grandense considera o livro prejudicial aos interesses do Nordeste, apresentando certas indignações sobre a forma como o tema é tratado, por proporcionar informações apressadas e sem conhecimentos ao verdadeiro Nordeste, dizendo que o livro é anacrônico, além de outros adjetivos que demonstram irritação para com a obra. Vejamos:

Antes de entrarmos na apreciação do livro do dr. Clodomiro Pereira da Silva, somos forçados a considerar mais uma vez algumas opiniões exageradas no seu proêmio. Uma delas diz respeito a solução que importaria na compra de terras pelo governo em paragens ótimas do Brasil, para nelas tornar proprietários todos os atingidos pela penúria das secas, mudando-lhes porém os penates.

Não foi sem grande pesar que lemos esse alvitre, endossado agora por um nome ilustre, catedrático de uma das escolas de engenharia mais conceituadas do país, brasileiro com um bom sedimento de patriotismo. Nem como hipótese deveria o autor por honra a tais predicados, falar nesse êxodo organizado pelo próprio governo, que por essa forma se proporia, em varias etapas ocorrentes despovoar uma vasta extensão do Brasil, habitada por uma gente caldeada pelo sofrimento, inteligente e capaz, brava e apegada a terra natal, que tem sabido dignificar, contribuindo assim para a dignificação do Brasil!

As secas, realmente, nos tem flagelado numa constancia cruciante. A nossa população no decurso de sessenta anos tem sido desfalcada em mais de dois milhões de almas, seja pelo extermínio causado por tais calamidades, seja pelo êxodo para terras distantes e insalubres, por força desse determinismo climático. Sem embargo, entretanto, de um tão grande desfalque, constituímos os Estados de maior densidade demográfica, aqueles que pelo trabalho dos seus filhos, brasileiros sem mistura de sangue alienígena, temos pelo nosso trabalho aumentado de uma maneira considerável a produção de matérias primas exportáveis e, desta forma, valorizado em muitos milhares de contos a economia nacional.

[...]

(Um Livro que nos entristeceu, *A República*, 21 maio 1938, p. 01)

Eloy de Souza aproveita os artigos para expor as conquistas da modernização do Nordeste, tais como o uso do automóvel, a energia elétrica, os açudes, as estradas e as escolas. Apresenta uma retrospectiva histórica, no intuito de mostrar tais avanços, ao mesmo tempo em que faz referência à viagem que fez ao Egito que objetivava trazer sugestões ao problema das secas, expondo as ideias de outros estudiosos que apresentam soluções técnicas, políticas e economicas para resolver tais problemas. Durante todo o período de publicação dos artigos, *A República* também publicava notas e cartas que o Dr. Eloy de Souza recebia como

demonstração de agradecimentos à maestria com que os argumentos e a defesa ao Nordeste são apresentados. Encontramos também arquivos que transcrevem o discurso de Eloy de Souza em uma conferência sobre o problema das secas, realizada em abril do mesmo ano, a convite da Sociedade Agropecuária do Estado. Em suma, Eloy de Souza, com toda a sua atuação, defendia o Nordeste, tinha conhecimento amplo sobre ele e buscava amenizar o flagelo das secas aos nordestinos.

3.1.12 *Intentos Fragmentários* correspondem a textos escritos por Esmeraldo Siqueira e publicados em várias edições de *A República* durante o ano de 1936. Ao final de cada texto, aparecem o local e o ano de escrita (ex., Jardim do Seridó, 1935). No conjunto de treze textos localizados, identificamos uma escrita reflexiva e filosófica, assim como confirma o fragmento abaixo:

[...]

A physionomia é um esforço complexo e materializado da alma, que também por este modo anseia dar-se a compreender. Raros entendem essa muda e dolorosa supplica. Vede como são expressivas as frentes a resguardar o surdo trabalho da inteligência; perquiri o rebrilhar profundo dos olhos, onde a alma flamneja; a importancia da configuração nasal; a forma e a mobilidade dos lábios; a significação anatomopsychologica do próprio queixo...

As linhas do rosto são os hieroglyphos da alma.

[...]

(**Intentos Fragmentários.** *A República*, 12 maio 1936 p. 01)

Intentos Fragmentários objetiva, entre outros, despertar no ser humano a capacidade de pensar. Encontramos aí referências ao pensamento de Shopenhanauer, Haeckel, Freud, dentre outros pensadores universais. É notável que Esmeraldo Siqueira apresenta uma busca pela compreensão da condição humana.

3.1.13 *Crônica do dia* – assinada por A., pseudônimo não identificado, não tivemos como localizar a data inicial da seção, mas registramos publicações a partir de 1937. O que nos chamou a atenção foi a recorrência nas edições do jornal e alguns temas, tais como elementos da modernidade (telégrafo, rádio, bonde, energia, motocicletas), política, agricultura, festas tradicionais, hábitos e aspectos da vida cultural da cidade de Natal (literatura, cinema, teatro, música). Percebemos nessas crônicas uma preocupação com os serviços públicos prestados à população, apresentando críticas e solicitando providências às autoridades responsáveis.

O nordeste

O nordeste vive sempre uma tragédia pungente e insolúvel.

Terra de gente forte e heróica, dessa fortaleza e heroísmo que cobriram de glórias os spartanos, talvez seja por isso que está constantemente cingida a um dilema impressionante e fatal.

Ora, é o flagello da secca, causticando a sua gente soffredora, dizimando rebanhos, roubando das arvores aquelle verdor que enleva e encanta. Passado esse período agudo de sua existência, quando os seus filhos vêm fugir do espírito e espectro terrível da fome, aparece, num contraste aterrador, o quadro doloroso das inundações, destruindo a agricultura, abrogando o trabalho pertinaz e productivo que arrancou do nordestino as suas energias e o seu esforço.

O nosso Estado, há quatro dias, experimentou mais uma vez, os efeitos maléficos das inundações.

Alguns municípios, como Ceará-Mirim, Serra Negra, São João de Sabugy, Mossoró, Patú, assistiram esse drama commovente de dor. Homens e mulheres, velhos e creanças, atingidos os seus lares pelas chuvas devastadoras, procuram abrigo sobre as frondes das arvores.

Quanto sofrimento!

Avaliemos a angustia que nestas horas, opprime o coração dessa mulher de ceará-Mirim, mãe de um recém-nascido, que se viu obrigada a refugiar-se sobre um cajueiro, e lá, a falta de alimentação, assistiu a morte do seu filho!

Até quando viveremos sob esse dilema?

Até quando seremos “a terra dorolosa do desespero e da miséria”?

(**Chronica do dia**, A. , *A República*, 06 abr. 1937, p. 02)

3.1.14 *Homens e livros*, assinada por Seabra de Melo, teve início em julho de 1937 e, a partir da leitura dos textos, sabemos ao certo a que ela se propõe: “Em contato mais direto com os círculos intelectuais da capital da República, tentarei pôr em dia os leitores com o momento literário, o qual, diga-se de passagem, é bem expressivo” (01/07/1937, p. 01). Em suma, Seabra de Melo apresentaria duras críticas, não economizando vocábulos para mostrar sua visão sobre os livros que resolve criticar. O fragmento a seguir apresenta o livro de Jorge Fernandes, publicado em 1927:

HOMENS E LIVROS – Livro de Poemas, Jorge Fernandes

[...]

Preferimos não incluir o Sr. Jorge Fernandes entre os vexillarios do graçaranhismo. Espírito independente, rebelde a canga e ao açaimo das confrarias, elle cultivou a poesia moderna (quase futurista) antes por uma questão de temperamento. Jorge é um paradoxo. Nada de provinciano, de já-visto, de terra-a-terra na sua poética. Dir-se-ia que esse turista a seu modo encontrou um meio pratico de fazer longas viagens em espírito, a exemplo daquelle Xavier de Maistre, que julgava percorrer os cinco continentes da alma sem contudo transpor as quatro paredes do seu quarto...

Impossível assignalar influência de quem quer que seja no “Livro de Poemas”, Jorge Fernandes é sempre elle-mesmo, com os imprevistos, o dom de renovar-se e as surpresas encantadoras dos seus versos claros e límpidos.

Sente-se que os poemas não foram compostos com o fim de alliciar admiradores. Antes surgiram por um natural impulso interior e até com uma certa bioquice de quem pede desculpas pela ousadia da obra.

[...]

(**Homens e Livros**, Seabra de Melo, *A República*, 21 set. 1937 p. 03)

É recorrente a crítica que Seabra de Melo faz às regras e às escolas literárias, especificamente o modernismo e usa o termo “graçaranhismo” em quase todas as publicações localizadas nos jornais como algo pejorativo. Dentre os homens e livros que ele critica estão: *O Diabo em Férias*, de Berilo Neves; *Fábrica*, de Edgar Carvalho; *Oito Contos em Papel*, de Faustino Passarelli e *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes. No entanto, Seabra de Melo encontra autenticidade apenas em Jorge Fernandes, defendendo que em *Livro de Poemas* o potiguar apresenta um espírito independente e a capacidade de ser moderno sem participar de “confrarias”.

Identificamos diversos textos de Seabra de Melo em nossa pesquisa, os quais, a maioria voltados para o papel de crítico literário. Neste sentido, observa-se que ele apresenta uma postura crítica ao Modernismo e um sentimento favorável ao regionalismo.

3.1.15 *De Natal ao Sertão*, seção publicada por Rômulo Wanderley, apresenta notas de um repórter sob a forma de crônicas. Totalizam nove notas em que o autor apresenta uma viagem de trem cujo itinerário vai de Natal a Angicos. Os textos eram publicados semanalmente, entre os meses de outubro e novembro de 1937, e dão conta de descrições dos diversos cenários apresentados nas estações e nas cidades por onde passa o cronista. Vejamos:

De Natal ao Sertão II – Igapó

[...]

Na “parada” há uma placa com a legenda IGAPÓ e mais adiante, numa casa da principal rua, outra com o nome de Siqueira Campos. E ficamos indecisos sem saber qual o verdadeiro nome do povoado. Sempre na fachada de toda estação, está escrito em letras pretas e garrafas o vocábulo que designa a cidade ou vila, povoação ou fazenda. Mas não é assim em Igapó.

Era esta a sua designação desde os seus primeiros dias. Mas veio a revolução de 30 e em seguida deram-lhe o nome do heróico revolucionário que morreu num desastre de aviação, quando regressava à Pátria. A placa continua no ponto em que colocaram, mas o povo não consagrou esse batismo. Para todo mundo, aquele lugar é Igapó. E igapó será *per onmir secula ...*

[...]

(**De Natal ao Sertão**. *A República*, 07 out. 1937 p. 12)

Esse itinerário de um repórter apresenta alguns fatos históricos, explicações para os nomes dos lugares, atividades econômicas e alguns traços de modernização referentes aos lugares percorridos. Em alguns momentos, a descrição assume uma perspectiva de curiosidade e interesses que dominam o autor.

3.1.16 *Dioclécio D. Duarte* era Deputado Federal no início dos anos de 1930 e em 1937 foi nomeado a Diretor Geral do Departamento de Agricultura, Aviação e Obras Públicas do Estado. Este autor não apresentava um nome específico para a seção, mas tinha um espaço nas edições de *A República*, com maior intensidade entre os anos de 1937 a 1939. Os textos estavam sempre em lugar de destaque e os títulos apareciam em caixa alta, o que nos permite concluir sua tamanha importância. Vamos conferir o fragmento abaixo:

A TRANSFORMAÇÃO DE NATAL

Quem conheceu Natal de vinte anos passados e hoje a contempla não deixa de experimentar uma grande surpresa. A pequena cidade que se debruça sobre o potengi e é constantemente acariciada pelas ondas do Atlântico apresenta completa transformação.

Desapareceu a tímida aldeia silenciosa e retraída, para permitir o rápido desenvolvimento de uma cidade moderna, com atração por tudo que revela progresso e conforto.

[...]

Foi na administração de Alberto Maranhão que tomou o primeiro impulso. Manda a justiça acentuar esse fato.

[...]

A iluminação elétrica e os bondes são de seu tempo. No seu governo também se operou um belo surto de inteligência literária.

[...]

Natal desse tempo não conhecia avenidas nem ouvia falar em bungalows. Eram os chalets e as clássicas casa de taipa.

[...]

E agora? Fecho o livro que eu costume abrir, de quando em vez, a fim de esquecer o tempo que vai correndo. Convido-o a olhar para a cidade de linda arborização e prédios elegantes, avenidas largas que o calçamento moderno torna mais formosas e atraentes.

[...]

(A **Transformação de Natal**. *A República*, 03 jan. 1939, p. 03)

Os assuntos tratados nessa seção eram variados: pecuária, agricultura, questões administrativas, seca, sertão, bem como a literatura brasileira e a literatura local, passando também pela filosofia. Escrevia, preocupado, de maneira especial, com as questões sociais, mostrando uma articulação entre produção literária, crítica, sociologia e política. Possivelmente essa postura se deve ao fato de desempenhar cargos públicos e, sem dúvida,

noticiava de forma propagandística o progresso, incentivo ao homem do campo, à cultura do algodão, enfim, à modernização.

4. Considerações finais

Aqui foram expostos registros do panorama cultural do Rio Grande do Norte durante o decênio de 1930, a partir das publicações em jornais locais. O estudo sobre os jornais e/ou periódicos apresentado nos serviu como tentativa para compreender a conjuntura em que se apresentavam as publicações literárias no campo entre jornalismo e literatura, o que confirma a importância histórica dessas fontes como espaço para a divulgação da produção literária e das atividades culturais do estado.

Neste sentido, cumprimos com o objetivo proposto de apresentar os autores que se destacaram como produtores e divulgadores da literatura norte-rio-grandense no gênero prosa, publicada em jornais nos anos de 1930, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo, Aderbal de França, Eloy de Souza, Edgar Barbosa, Seabra de Melo, Dioclécio D. Duarte, Esmeraldo Siqueira. Haveria, sem dúvida, outros aspectos relevantes relacionadas ao cinema, teatro, música, folclore e a outras artes que merecem um estudo que, entretanto, não correspondem ao nosso interesse neste momento.

Se por um lado, temos uma quantidade talvez suficiente para termos conhecimento de forma ampla sobre as temáticas recorrentes da produção literária da década em estudo; por outro, o que dificulta o estudo é a vasta diversidade de publicações.

Não foi objetivo de este trabalho apresentar conclusões completas sobre o movimento cultural da década de 1930 no Rio Grande do Norte. Contudo, foi possível fazer algumas relações, sugerir e indicar para conclusões que poderão ser apresentadas em futuras pesquisas, haja vista os vários direcionamentos que o material pesquisado aponta.

Concluimos que na referida década há uma maior consciência e interesses pela realidade nordestina, a inserção de elementos da modernidade no ambiente urbano dialogando com elementos da tradição local. Nesse cenário, muitos escritores assumiam uma postura de consciência coletiva, a exemplo de Eloy de Souza, que tinha uma missão social para com sua terra que se justificava na sua escrita.

Referências:

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.
- COSTA, Maria Suely da. *O canto da Cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000
- _____. Repercussões da vida cultural do Rio Grande do Norte nos anos 1920. In: *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. Org. Humberto Hermenegildo de Araújo, Irenísia Torres de Oliveira. São Paulo: Nankin, 2010 p. 145
- FERNANDES, Anchieta. *História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte*. Natal: Depto. Estadual de Imprensa. 2006.
- FILGUERA, Maria Conceição Maciel. *Eloy de Souza: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas*. Natal: EDUFRN, 2011.
- GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que aconteceu na República das letras potiguar*. Natal, RN: Ed. do Autor, 2009
- MELO, Manoel Rodrigues. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987*. Natal: Fundação José Augusto, 1987 (Documentos Potiguares, 3).
- MONTEIRO, M. C. S. D. *Crônicas Literárias: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.
- PEREIRA, Nilo. A Temporada Literária de 1930. *Revista da Academia de Letras*, Natal, ano 17, nº 7, p. 131-140, jan/1968.